

DANÇA, INCLUSÃO E FORMAÇÃO INICIAL: OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS NO PIBID/UFPEL

LUÍZA RANGEL MORESCO¹; **JACIARA JORGE²**; **MARCO AURELIO DA CRUZ SOUZA³**.

¹*Universidade Federal de Pelotas – luizarangelmoresco2@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – jaciarajorge@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – marco.souza@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado da aula prática de uma aluna estudante de Licenciatura em Dança, com Síndrome de Down, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em parceria com a Rede Municipal de Ensino de Pelotas-RS. O PIBID é um programa do Ministério da Educação, custeado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que tem por finalidade incentivar a iniciação à docência, contribuindo para a melhoria da formação de docentes em nível superior. Na UFPel, o Núcleo Dança é um dos subprojetos que constam no projeto institucional da universidade e é composto por um coordenador (vinculado a universidade), três supervisoras (vinculadas as escolas de educação básica) e vinte e quatro bolsistas (alunos do curso de Dança Licenciatura da UFPel). Os bolsistas são lotados nas escolas de atuação das supervisoras, pertencentes a rede municipal de ensino da cidade de Pelotas-RS.

A escola, local de atuação da aluna bolsista, é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Balbino Mascarenhas. A aula prática, a qual se refere o presente trabalho, ocorreu em uma turma de Pré II, da Educação Infantil. O objetivo deste trabalho é compreender as ações e o olhar diferenciado de uma professora em sua formação inicial diante das suas práticas pedagógicas nas aulas de danças.

A teoria que embasa esse trabalho, é MANTOAN (2015), com estudos sobre a inclusão irrestrita diante dos alunos, sejam eles com alguma deficiência ou com algum transtorno de aprendizagem. Lima (2009) descreve a metáfora da árvore, na qual relata a necessidade deste entrelaçamento das duas partes, teoria e prática, auxiliando os sujeitos a compreenderam a relação dessas partes no seu processo de formação, enquanto profissionais, dizendo o seguinte sobre a metáfora da árvore:

As raízes representam a fundamentação teórica estudada, o tronco simboliza a pesquisa, os galhos e as folhas são as atividades desenvolvidas e os frutos representam os registros reflexivos realizados pelos estagiários. (p. 45)

Reforçando a importância da Teoria e da prática de forma reflexiva, principalmente, diante das propostas realizadas no grupo do PIBID- Dança.

Figura 1 – Primeira visitação na E.M.E.F. Balbino Mascarenhas



Fonte: Acervo pessoal dos autores. Na foto da esquerda para direita, estão sentados os bolsistas Taiany Glória da Rosa, Luíza Rangel Moresco, Bianca Bessa Correa, Marieli Campos Lopes, Eduarda Castanheira Madeira, João Marcelo de Ávila Varaschin, Jean Dornelles Chagas e, em pé, a supervisora Jaciara Jorge.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Durante o desenvolvimento do programa são realizadas reuniões do Núcleo Dança do PIBID na UFPel, sob a orientação do professor coordenador, onde são realizados estudos, conversas e experimentações práticas, que dão subsídio para o planejamento das ações que serão executadas nas escolas. Essas atividades ocorrem, via de regra, com todo o grupo de 24 bolsistas que, em determinados momentos, são agrupados por escola de atuação, a fim de organizar as ações e planejar as atividades docentes que acontecem semanalmente nas escolas. Em tempo, cabe aqui relatar que o exercício da docência na escola é sempre acompanhado pela professora supervisora e que, em nossa atuação prática, contamos com outros colegas bolsistas que, durante nossas aulas, atuam como auxiliares quando necessário.

Figura 2 - Reunião do Núcleo Dança do PIBID/ UFPel.



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A primeira atividade proposta para a aula de dança com a turma do Pré II foi a “Dança das Cadeiras”, brincadeira tradicional que foi utilizada para trabalhar

diferentes níveis, ritmos e fatores de movimento, com o objetivo de desenvolver habilidades motoras e expressivas. Neste dia observou-se que havia um aluno que chorava e não queria participar das atividades propostas. Neste momento a colega bolsista que estava na sala para auxiliar, pegou o aluno no colo para tentar acalmá-lo. O referido aluno é uma criança que possui Transtorno do Espectro Autista (TEA) e, a partir desse momento, começamos a pensar em diferentes abordagens que pudessem incluir o aluno nas propostas realizadas.

O primeiro passo para reverter de alguma forma aquela situação, visando o bem-estar e a volta a calma, foi ter o olhar diferenciado para este aluno, tentando compreender as demandas trazidas por ele, como a atenção direcionada a ele. Quando a bolsista, docente da sala de aula naquele momento, compreendeu que precisava estar mais próxima o aluno, direcionando e acompanhando ele mais de perto nas atividades, o comportamento disruptivo dele foi amenizando e a aula progrediu tranquilamente até o final.

Nos dias que se sucederam, como segundo passo para tentarmos contornar situações adversas em sala de aula, buscamos em leituras e em pessoas que estudam sobre autismo e suas práticas, orientações de como realizar os planejamentos de forma mais inclusiva. A partir disso, as atividades propostas durante as aulas buscavam estabelecer laços entre os alunos e o conteúdo das aulas de maneira equilibrada e harmônica, a fim de não gerar nenhum descompasso que provocasse situações desconfortáveis para o aluno, necessitando de ações de autorregulação. Dessa forma, conseguimos implementar uma nova forma de organizar as aulas de dança, com objetivos direcionados e claros, de modo que os alunos compreendessem a dinâmica, principalmente o aluno em pauta.

O terceiro passo foi colocar em prática a nova organização das atividades da aula. Se propôs um passo a passo para os alunos, onde se anuncia verbalmente cada uma das atividades que serão realizadas naquele período, assim todos ficam sabendo o roteiro da aula, sem gerar desconforto ou ansiedade por não saberem o que irá acontecer em cada momento. Estabelecemos três momentos na aula: o aquecimento (que é feito com os alunos dispostos em roda), a atividade central (que desenvolve o objetivo da aula) e a finalização (que envolve um relaxamento, uma volta a calma). O acompanhamento do aluno de forma mais próxima, em alguns momentos feito pelas bolsistas e em outros momentos pelos seus colegas, contribuiu de forma positiva e possibilitou que o aluno executasse as atividades propostas sem maiores dificuldades.

Figura 3 – Compilado de fotos das aulas de dança na turma de Pré II.



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A turma é acolhedora e, dessa forma, é fácil o processo de inclusão do aluno. Os colegas percebem e compreendem suas diferenças, lidam bem com isso e, mesmo com os conflitos característicos da faixa-etária, o auxiliam e o acolhem.

Assim, as reuniões reflexivas teóricas que ocorrem no grupo do PIBID-Dança, são fundamentais para o processo de formação inicial das professoras iniciantes, bem como o olhar direcionado e inclusivo diante dos alunos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em: 02/03/ 2025.

DOCUMENTO ORIENTADOR MUNICIPAL. **Referencial curricular da rede municipal de ensino de Pelotas**. 1ª Ed. Pelotas- RS, 2020.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. **O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore**. Pesquiseduca, Santos, v. 1, n. 1, p. 45-48, jan.-jun. 2009

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar. O que é? Por Que? Como fazer?**. São Paulo. Editora: Moderna, 2015.

UFPEL. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Coordenação de Ensino e Currículo – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS. Acessado em 03 ago. 2025. Online. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/cec/programas/pibid-programa-institucional-de-bolsas-de-iniciacao-a-docencia/>